

DISCURSO E POLÊMICA NUM DEBATE POLÍTICO*

Helena H. Nagamine Brandão**

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo mostrar aspectos do funcionamento de duas formações discursivas em relação polêmica: as falas proferidas pelos dois candidatos na última campanha presidencial brasileira (dez/1989). Analisa-se como cada formação discursiva busca sua identidade, delinea suas fronteiras num incessante trabalho de delimitação recíproca. Para isso, verificam-se: a) as estratégias discursivas que o locutor mobiliza para representar a si mesmo e ao outro; b) as estratégias de modalização enunciativa, caracterizadoras do comportamento actancial de cada polemizador.

UNITERMOS: análise do discurso; formação discursiva; polêmica; modalização enunciativa.

A relação interlocutiva na polêmica

Segundo Maingueneau¹, todo discurso é constitutivamente polêmico dado o caráter heterogêneo da discursividade que faz pressupor sempre um “avesso” sob o “direito”, o “outro” sob o “um”. Isto é, um discurso nunca é autônomo na medida em que todo discurso se funda na relação interdiscursiva; na medida em que todo discurso contém outras falas – passadas ou presentes – com as quais mantém uma relação de aliança, de reação ou de confronto; na medida em que cada dizer se define, delimita o seu território levando em conta o dizer do outro. Sob essa perspectiva, vê-se a polêmica como um fenômeno mais geral, regulado pelo caráter dialógico da interação discursiva: “a polêmica não se sobre-acrescenta do exterior a um sistema fechado, mas o discurso é sempre já-polêmico”.

* Este texto é a síntese de uma pesquisa cujos resultados parciais foram apresentados no Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina (ALFAL). Campinas, ago./1990 e no Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo (GEL). Franca, jun./1991.

** Professora de Língua Portuguesa da FFLCH/USP.

1. MAINGUENEAU, Dominique. *Sémantique de la Polémique*. Lausanne, Suíça, L'Age d'Homme, 1983.

A par dessa noção mais ampla de polêmica, vamos analisar aqui o discurso polêmico numa concepção mais restrita, apresentando uma especificidade irreduzível em que se faz a interpelação do adversário em uma mudança regradada, criando situações irreversíveis ao provocar múltiplos encadeamentos de enunciações novas.

A polêmica se instala quando há coexistência, num mesmo espaço discursivo, de dois pólos em torno dos quais se estruturam formações discursivas oponentes. Polemizar é, nesse sentido, tentar falsear a fala do outro, é desqualificar o discurso do adversário numa situação em que duas posições antagônicas se confrontam e se afrontam.

Dessa forma, o funcionamento de uma polêmica deve ser entendido como uma troca entre subjetividades tomada possível graças a uma lógica do imaginário em que os interlocutores articulam representações recíprocas (do outro e de si mesmo). Concebendo a enunciação como processo articulado sobre as três pessoas morfológicas: enunciador, enunciatário e enunciado, Brandt² apresenta a seguinte visualização de uma troca polêmica:

1. A diz		B diz	
2. a B que	—————>	a A que	—————> etc.
3. A+ e B-		A- e B+	
<i>Desafio Polêmico</i>		<i>Réplica Polêmica</i>	

Nesse esquema, A+ e B+ representariam, respectivamente, uma classe de imagens que os interlocutores A e B aceitariam e A- e B-, outra classe de imagens que recusariam. Sobre este conjunto de imagens possíveis, atribui-se um saber partilhado: A sabe que B aceita B+ e recusa B-; numa situação polêmica, A propõe justamente o que ele sabe que B vai recusar e vice-versa. Pressupõe-se, assim, que os interlocutores estejam investidos de uma dupla competência:

- a de imaginar representações nas dimensões X+ e X- ; e
- a de captar (para inverter ou não) o imaginário do outro.

No discurso polêmico o que se dá é uma reversibilidade negativa, privativa.

É, dessa forma, que a polêmica pode se inserir em um contexto de violência e de paixão saturado de axiológicos negativos que funcionam como suportes da desvalorização polêmica:

"O discurso polêmico é um discurso desqualificante, isto é, ele ataca um alvo e coloca a serviço deste objetivo pragmático dominante - desacreditar o adversário e o discurso que ele sustenta - todo o arsenal de seus procedimentos retóricos e argumentativos."³

2. BRANDT, Per Aage. *Polémique et Subjectivité. Le Discours Polémique*. Lyon, PUL, 1980. p. 121-139.

3. KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *La Polémique et ses Définitions. Le Discours Polémique*. Ed. cit. p. 3-40, 1980.

Nessa concepção de polêmica como controvérsia violenta, recusa-se, claramente, a fala do interlocutor, procurando apagá-la da cena enunciativa para fazer prevalecer a sua fala. A polêmica se caracteriza, portanto, pelo contra-discurso cujos enunciados constituem formulações ao contrário. É um discurso que nega tendo como suporte um discurso negado⁴. Sua natureza polêmica se manifesta na superfície lingüística através de marcas enunciativas específicas, características dos procedimentos da refutação, da invectiva, da agressão ou da ironia.

Passaremos à análise de alguns aspectos do funcionamento de duas formações discursivas em relação polêmica. O nosso corpus é constituído pelos discursos pronunciados no último debate da campanha presidencial brasileira (17/12/89) pelos dois candidatos finalistas. Trata-se, pois, de discursos políticos – discursos de *parti-pris* – discursos apologéticos cujo jogo é desvalorizar a posição discursiva do outro, valorizando a sua própria. Dada a complexidade do corpus, apontaremos apenas alguns aspectos caracterizadores da “polemicidade” de tais discursos.

Em primeiro lugar, teceremos observações sobre as condições de produção desses discursos. Na verdade, a polêmica se instalara anteriormente ao debate. O clima de afrontamento chegara ao máximo dias antes, quando as pesquisas de opinião davam praticamente um empate técnico, e quando um dos candidatos, em um de seus programas eleitorais gratuitos, manipulara fatos da vida particular do adversário, confundindo espaço público e privado. Nesse clima, precedido por ampla divulgação nos meios de comunicação de massa, o debate foi aguardado ansiosamente por toda a nação como o lance que desempataria o jogo. Falando de lugares antagônicos e tendo em vista o mesmo campo de interesses – persuadir o telespectador a votar nele – cada um vai buscar, no discurso e pelo discurso, marcar suas diferenças, forjar, perante a nação, a imagem do candidato mais apto ao cargo. Além disso, a polêmica, aqui, revestiu-se das características de um jogo regrado na medida em que todo o debate foi regulado por normas estabelecidas de antemão entre as partes envolvidas. Lembremo-nos que o debate foi dividido em quatro blocos temáticos, cada bloco tinha um jornalista como mediador; quatro jornalistas faziam as perguntas num tempo determinado; respostas, réplicas e comentários também deviam ser feitos num tempo determinado; a ordem para cada candidato usar a palavra, determinada por sorteio. Tínhamos, assim, montada toda uma cenografia polêmica.

A polêmica é, por si mesma, pela sua própria natureza, algo que se oferece como espetáculo; como um embate em um campo de batalha em que a arma decisiva é a palavra. O termo polêmica vem de *polemos*, palavra grega que significa guerra, combate, batalha. Segundo Barthes⁵, “o polemizador (...), inscrevendo seu próprio

4. MARCELLESI, Jean-Baptiste. *Éléments pour une Analyse Contrastive du Discours Politique*. *Langages* 23, Paris: Didier-Larousse, p. 25-56, 1971.
5. Apud KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Op. cit.*

discurso na dinâmica da interlocução, combate de rosto aberto – a polêmica é espetacular; ao contrário do discurso da ciência que se caracteriza pela retenção do espetacular”. Por todo o aparato montado, a palavra adquire, nesse debate, o estatuto do teatral. A teatralização do jogo passa a implicar não só um uso regrado da arma verbal, mas, sobretudo, um uso que seja eficiente, “brilhante”, que leve, pela habilidade e sedução, ao convencimento. Quais são as características formais, lingüísticas, desse discurso? O que dá a um discurso o estatuto de polêmico?

Antes de mais nada, para polemizar, é preciso, como já foi apontado, estar em desacordo. É preciso sustentar opiniões contrárias às do interlocutor. Para isso é preciso falsear a palavra do outro, constituindo-se, assim, um intertexto cujo estatuto está marcado por uma reversibilidade negativa. A palavra do outro, o discurso refutado, aparece, surge no discurso refutativo para ser negado, desqualificado, nadificado. O procedimento formal mais comum dessa operação de nadificação é a transformação negativa.

Entendemos por transformação negativa o procedimento que implica não só o uso da forma gramatical “não” (e equivalentes), mas também de termos, expressões carregadas de uma carga semântica negativa, os axiológicos desqualificadores. A transformação negativa ocorre tanto ao nível do referente quanto ao nível dos interlocutores.

Transformação negativa ao nível do referente

No discurso polêmico, quem oferece um melhor espetáculo, quem melhor tenha as armas é aquele que mais agride, que se mostra mais combativo; aquele que se restringe a neutralizar a peleja ou que se coloca na defensiva, perde pontos. Nesse sentido, quem inaugura a polêmica, opondo o um ao outro, é Collor. Enquanto Lula, ao responder a primeira pergunta se limita a argumentar, ficando no terreno das próprias concepções e nas do partido, Collor parte, logo de início, para uma delimitação das diferenças entre as duas candidaturas, procurando tirar vantagens da História, estabelecendo um paralelo entre o muro de Berlim e o PT⁶.

6. Confrontem-se as falas iniciais relativas à solicitação do jornalista (B.Casoy): “Pediria aos senhores que se posicionassem, dessem sua opinião sobre as transformações no mundo comunista sob o aspecto econômico e de que maneira esses fatos, essas transformações podem ser aproveitadas no Brasil como lição.”

Lula: “...é difícil tentar comparar o que está acontecendo com o Leste Europeu e o que acontece no Brasil. É preciso saber de antemão que desde 1980, portanto já há dez anos atrás e quando foi fundado o PT, ele foi fundado na base da liberdade política, na base da liberdade econômica, sindical, na base do pluralismo político, sempre entendemos que não haveria socialismo possível se não houvesse uma sociedade democrática, se não houvesse vários partidos políticos. Eu acho que é uma razão de ser da luta no Leste Europeu; acredito piamente que o conjunto da sociedade tem razão porque o Estado não

A configuração do universo opositor se faz por atribuição de traços negativos, pelas suas negatividades e, concomitantemente, configura-se o outro lado, o lado do locutor, carregando-o de positivities. O eleitor é colocado diante de duas opções: o caos que representa a luta armada, a intolerância, a baderna, o desrespeito, enfim o estado marxista, ou a ordem que representa a democracia, a liberdade, a eficiência, a felicidade.

Essa ordenação semântica maniqueísta (Caos/Ordem) se transforma no eixo temático que vai balizar e modular todo o discurso de Collor. A oposição binária Caos/Ordem (e seus corolários: Instabilidade/Estabilidade; Opressão/Liberdade; Infelicidade/Felicidade) é bastante simplificadora e redutora, mas tem a vantagem

pode efetivamente estar tendo ingerência em toda atividade da economia. O Estado precisa ter ingerência em setores considerados estratégicos da economia, em setores considerados essenciais pela população e permitir que a sociedade crie mecanismos para se autofinanciar, para se autodeterminar, a nível de conquistas, a nível de investimentos, a nível de inovações tecnológicas, a nível de inovações de investimento. Eu acredito que o que está acontecendo no Leste Europeu e que começou em 1980 com a fundação do Sindicato Solidariedade é um exemplo concreto ao mundo, é um exemplo para a América Latina, é um exemplo para o 3º mundo de que é preciso continuar lutando pelo socialismo. Mas é preciso lutar por um socialismo democrático, por uma sociedade pluralista, por um socialismo que não negue a necessidade da liberdade da autonomia sindical, a necessidade do direito de greve, a necessidade da classe trabalhadora se organizar livremente, livremente no local de trabalho. Essa briga foi a briga que fez com que o PT nascesse. Essa briga foi que fez com que nós criássemos o sindicalismo combativo no Brasil. Essa briga foi que serviu para acontecer e surgir a CUT no Brasil. Daí porque a minha tranquilidade e a minha solidariedade com o que está acontecendo no Leste Europeu. Da mesma forma que os alemães derrubaram o muro da vergonha que era o muro de Berlim, nós vamos eleger no dia 17, vamos derrubar o muro da vergonha no Brasil que é a fome que campeia na casa de cada brasileiro."

Collor: "Inicialmente o meu boa noite e os meus agradecimentos pela oportunidade mais uma vez de poder participar de um debate às vésperas de uma eleição presidencial e às vésperas também do natal. Daqui a 10 dias estaremos comemorando o nascimento de Cristo, dia que marca o recolhimento cristão de toda família brasileira. De toda família que crê, acredita e tem fé que Deus haverá de nos ajudar e sobretudo a nos sairmos da crise em que nos encontramos. Daqui a três dias também estaremos escolhendo o novo presidente da República. E essa pergunta vem bem a calhar porque não há como se discutir entre os candidatos das duas propostas sem que nós posicionemos de forma muito clara as grandes diferenças, as fundamentais diferenças que existem entre uma candidatura e outra. De um lado está a candidatura de centro-democrático por mim representado, do outro lado, está uma candidatura que esposa teses estranhas ao nosso meio, teses marxistas, teses estatizantes, teses que não primam pelos princípios democráticos consagrados na nova Carta Constitucional até porque o partido daquele que é meu adversário se negou a assinar ou não assinou, mas votou contra o texto constitucional. O que nós estamos vendo no Leste Europeu é a demonstração clara, é a demonstração nítida de que os princípios democráticos devem ser preservados, devem ser perseguidos. Durante 30 dias eles levaram para erguer o muro de Berlim e nós precisamos de 30 anos para derrubá-lo. Derrubamos essas teses atrasadas, arcaicas que não dizem respeito ao nosso dia-a-dia. Essas teses que são contra a livre iniciativa, que são contra a liberdade, que sufocam, que oprimem o povo. Lá no Leste Europeu não havia liberdade, não há liberdade de imprensa, não há livre iniciativa, há sim a presença do Estado enorme, maciço, corrupto, interventor, lá não há liberdade de se comprar aquilo que se deseja, lá não há liberdade de salário, lá não há competição, lá não há eficiência, lá não há felicidade. Este outro lado é o que eu combato. Eu combato, eu combato porque acredito firmemente que é possível nós construirmos uma sociedade democrática. Mas uma sociedade democrática com absoluta liberdade, com meios perfeitamente compatíveis, como quer a nossa Constituição, sem utilizarmos da luta armada, da intolerância, da baderna, da bagunça, do caos, do desrespeito mais absoluto como querem aqueles que se contrapõem à nossa proposta (...)"

de deixar mais claros os contornos entre uma proposta e outra, facilitando a penetração da mensagem num espectro mais amplo de espectadores.

Transformação negativa ao nível dos interlocutores

O discurso polêmico, sendo um discurso de paixão e de violência, implica afrontamentos pessoais em que o sujeito da enunciação “eu” assume seu enunciado, opondo-se a um “tu” que tem as propriedades inversas de “eu”. É, como aponta Dubois e Sumpf⁷, justamente o contrário do que acontece com o discurso científico que implica uma identificação do “eu” ao “tu”, na medida em que o enunciado deve ser assumido pelo interlocutor e, numa encenação da objetividade⁸, o sujeito da enunciação deve apagar-se diante de seu enunciado, identificado com o mundo conhecível. No funcionamento do discurso científico, dá-se aquilo que já foi mencionado aqui - a “retenção do espetacular” enquanto que o discurso político funciona como um espetáculo simbólico em que se fazem sobressair as figuras da representação teatral: as “personae”. Assim, o “eu” e o “tu” - duas personagens que não se confundem - se inscrevem no discurso num movimento complementar de Injúria/Laudação. Na medida em que todo discurso político exalta uma causa ao mesmo tempo que procura desvalorizar a do adversário, nesse processo de Exaltação/Desvalorização de uma causa, muitas vezes o que ocorre é, para se conseguir o intento, colocar em jogo, em questão, a própria figura do adversário. É nesse contexto que entram os axiológicos vituperantes, injuriosos a alimentar negativamente o imaginário que se constrói a respeito do adversário por oposição aos axiológicos apologéticos a alimentar positivamente o quadro que se tece sobre a figura do locutor.

Collor e Lula usaram freqüentemente desse recurso polêmico. A imagem que Lula constrói de si mesmo é a de um socialista democrático; pluralista; vítima de violência; honesto, sincero (fez pouca promessa em campanha); conhecedor da vida do povo porque oriundo dele; único competente para negociar junto aos setores organizados da sociedade.

Inversamente, o paradigma que Lula constrói de Collor é marcado por axiológicos desqualificantes, como Pinóquio (passa inverdades ou versões e não fatos); manipulador da boa fé do povo; invasor de terras do governo, mau administrador, originário da classe dominante; originário da classe política da ditadura; apadrinhado de políticos e dos meios de comunicação.

Dentre os axiológicos qualificantes que Collor usa para construir a sua imagem, verificamos: candidato de centro democrático; confiável (contra qualquer tipo de

7. DUBOIS, Jean et SUMPFF, Joseph. Linguistique et Révolution. *Communications* 12, Paris: Seuil p. 148-158, 1968.

8. Insisto no termo encenação: vários estudos têm mostrado que essa objetividade não é senão uma forma de camuflar a subjetividade inerente à linguagem.

calote, inclusive o da cademeta de poupança); com experiência administrativa; nordestino (mas como todo nordestino não é sub-raça como quer Lula); vítima da violência dos adversários; como presidente da república será junto ao Congresso Nacional: um parceiro, um companheiro, um brasileiro, um patriota; sente-se investido de uma missão: mudar o Brasil ("naturalmente as esperanças são muitas, eu tenho a exata noção dessa grande responsabilidade que eu tenho nessa quadra tão difícil da vida nacional").

Paralelamente ocorre um processo de reversibilidade negativa em que o paradigma que Collor monta para passar a imagem de seu adversário é constituído por axiológicos desqualificantes, como defensor da luta armada; estatizante; nazista; intransigente; intolerante; sem experiência administrativa (só sindical); Pinóquio (devolve o apelido ao adversário); ignorante ("não sabe a diferença entre uma fatura e uma duplicata"; "Pinóquio lê, ele não sei se sabe ler"); sugere que é marajá (usufrui de grandes salários e mordomias); diz-se trabalhador, mas não trabalha desde 78; rico (tem bonita casa, aparelho de som que nem ele tem), o que come pela mão dos outros.

Analisando essas paradigmas, observamos que ocorrem três interseções entre os discursos dos dois candidatos:

a) ambos se dizem vítimas de violência. Esse fato vem corroborar o caráter de violência de que se reveste todo discurso polêmico;

b) ambos se autodenominam democratas, mas com variantes: Collor: centro-democrata; Lula: social-democrata. Apesar da invariante democrata, cada um lê a filiação ideológico-partidária do outro de forma radicalmente antagônica à sua: para Collor, o social-democrata de Lula significa marxismo; para Lula, o centro-democrático de Collor é estar atrelado às elites dominantes;

c) ambos imputam ao adversário o apelido de Pinóquio. Como toda polêmica é uma disputa pela Verdade, cada locutor vê o próprio discurso como portador da verdade e o do adversário como portador de inverdades. É uma forma de legitimar o próprio discurso e de tirar a legitimidade do discurso do outro. Nesse sentido, o discurso polêmico só é dialógico na aparência porque, encastelado nas próprias idéias e objetivos, como num diálogo de surdos, cada locutor não visa nem a troca, nem o intercâmbio, nem a persuasão do seu interlocutor; o objetivo é reduzir o adversário ao silêncio, é barrar-lhe o acesso à palavra, é, metaforicamente, levá-lo à morte. Enquanto espetáculo, a polêmica cumpre assim sua função, na medida em que o verdadeiro alvo a ser atingido, a ser persuadido é o público que vê, pela *mise-en-scène*, triunfar a Verdade.

Polêmica e estratégias de modalização discursiva

Para aprofundar o estudo do caráter polêmico desses dois discursos abordaremos ainda outro aspecto caracterizado como o de uma "transparência" maior da

linguagem de Collor vs. uma "opacidade" maior da linguagem de Lula, tendo em vista a relação com a audiência. Vejamos alguns dos elementos que contribuíram para criar esse efeito de transparência e de opacidade.

Ao rastrear os índices de enunciação nas duas formações discursivas, chamou-nos a atenção uma diferença básica de modulação. Apesar de reconhecer que o estudo das modalidades é uma das questões mais delicadas da reflexão sobre a linguagem, vamos procurar caracterizar sob esse aspecto as estratégias discursivas adotadas por cada um dos candidatos.

A noção de modalidade será considerada não em relação ao seu comportamento lógico, mas integrada no processo de comunicação, de interação verbal. Vamos operar com as duas categorias tradicionais da lógica modal:

- a modalidade epistêmica - que abrange toda expressão que implica uma referência à crença, ao conhecimento que temos de um estado de coisas, isto é, que abrange toda expressão pertencente ao registro do *saber*;

- a modalidade deontica - que abrange toda expressão que implica uma referência a uma norma ou a qualquer critério de avaliação social, individual, ética ou estética, isto é, pertencente ao registro do *dever*.

Segundo Alexandrescu⁹, no quadro geral das modalidades, os operadores epistêmicos *crer* e *saber* têm uma posição privilegiada, pois eles regem, estão por baixo de todo ato de enunciação uma vez que este requer um mínimo de informação por parte do locutor sobre o estado de coisas designado em seu enunciado. Para ele, esses operadores estão sempre pressupostos, mesmo que não estejam explicitados por uma lexicalização. Em outros termos, essas modalidades ligam-se necessariamente ao mecanismo de produção de um enunciado ou de um texto, enquanto que as outras denotam atitudes facultativas.

Em se aceitando essa hipótese, a todo enunciado aplica-se uma dimensão epistêmica suplementar que deve necessariamente ser ou a da *opinião* ou a do *saber*, jamais as duas ao mesmo tempo. Sua enunciação se inscreve obrigatoriamente entre a incerteza e a certeza do locutor. Como veremos em seguida, essa postura vai acarretar, do ponto de vista da recepção, duas leituras possíveis do ato do locutor conforme a modalidade julgada predominante na produção do seu texto.

Escolhemos para a análise o 1º e o 3º blocos do debate. Neles fizemos: 1) um levantamento das modalidades proposicionais; 2) um levantamento dos auxiliares de modo. Com base nesses levantamentos, fez-se uma interpretação das implicações semântico-pragmáticas das estratégias modais utilizadas.

9. ALEXANDRESCU, Sorin. Sur les Modalités croire et savoir. *Langages* 43, Paris: Didier-Larousse, p. 19-27, 1976.

Modalidades Proposicionais

Englobamos na categoria das modalidades proposicionais tanto introdutores do tipo: *É necessário que + (Proposição)*, quanto os lexemas verbais do tipo: *Eu acho que + (Proposição)*. O levantamento dos operadores modais mostrou os resultados computados no Quadro I (cf. anexo). Dividimos esses operadores em dois grupos conforme o posicionamento expresso pelo locutor frente ao objeto, ao estado de coisas que descreve. Ao grupo 1 pertencem os operadores modais de *opinião*, da ordem do *crer* – expressões ou verbos opinativos, reflexivos: *eu creio, portanto é possível*. Ao grupo 2 pertencem os operadores modais de conhecimento, da ordem do *saber*: *eu sei, portanto é verdade*.

Aos enunciados modalizados pelos operadores do 1º grupo, correspondem, de acordo com classificação de Borillo¹⁰, os *assertivos fracos* e aos segundos, os *assertivos fortes* conforme o grau de certeza que imprimem em relação ao valor de verdade da proposição que acompanham.

A leitura comparativa do Quadro IA e IB nos fornece um primeiro resultado do retrato enunciativo da formação discursiva de cada um dos candidatos: verifica-se uma lexicalização muito grande de operadores modais proposicionais no discurso de Lula. E não só isso, esses operadores são predominantemente da ordem do *crer*. Collor quase não usa operadores modais proposicionais. Quando o faz, é para acrescentar um valor modal a mais ao valor epistêmico dos verbos enunciativos empregados: “eu acredito” acrescido do modalizador “firmemente”; “eu acho e tenho certeza e mesmo convicção plena”: correção e gradação; “eu sinto, nós todos pressentimos”; correção de “eu” para “nós” e acréscimo do quantificador “todos” com valor modal absoluto.

Que efeito de sentido cria essa estratégia? Essa ocultação dos operadores modais epistêmicos tem, para Alexandrescu, outro valor modal: o locutor os elimina “para dar a impressão de que seu ato é neutro, que ele não manifesta nenhuma atitude para com ele, que o valor de verdade de seus enunciados é objetivo”. Trata-se de uma *retórica do neutro* em que o locutor esconde sua enunciação para melhor convencer pelo seu enunciado. Não é ele que diz, mas os fatos, a verdade que se diz, portanto o enunciado não pode ou não deve ser contestado.

Ocultando, o “eu sei” e colocando diretamente a ação: “eu combato”, “eu defendo”..., Collor oculta o autoritarismo de um discurso que se dá como evidência e imprime maior força ilocucionária ao seu ato de asserção, sugerindo com isso, uma postura mais objetiva e firme. Lula, usando uma linguagem epistemicamente da ordem da opinião, com operadores modais que relativizam pontos de vista e marcam

10. BORILLO, A. Deux aspects de la modalization assertive croire et savoir. *Langages* 67, Paris: Didier-Larousse, 1982.

de forma mais tênue o valor assertivo dos enunciados, estratégia própria do discurso da tolerância, cria um discurso menos categórico, mas mais vulnerável.

O efeito de sentido perseguido pelo “discurso autoritário” é a monossímia – um sentido único e incontestável, enunciado por um locutor todo-poderoso – enquanto que o “discurso da tolerância” se dispersa na polissemia, no “perigoso” terreno da proliferação de sentidos possíveis, permitindo a multifacetação desagregadora do locutor. Desagregadora, mas rica porque mais permeável à entrada, ao diálogo com o outro.

Auxiliares de Modo

Quadro IIA – Discurso de Lula: fundamentalmente, há dois grupos de auxiliares de modo pertencentes à modalidade deôntica:

G1 – auxiliar de modo que veicula valor de possibilidade e direito, expresso pelo verbo *poder*. No discurso de Lula, funciona como uma espécie de corolário da modalidade epistêmica da ordem do *crer*: porque se crê, pode-se, é permitido;

G2 – auxiliares de modo com valor de necessidade e obrigação, expresso pelos verbos: *dever/ter que/precisar* ou as expressões: *ser necessário/ser preciso*.

Quadro IIB – Discurso de Collor:

G1 – Comparando com o discurso de Lula, há uma incidência menor do operador *poder* porque não podemos considerar como veiculadores do valor modal de possibilidade e direito os casos em que *poder* vem precedido da negação. O que ocorre nesses casos é uma inversão da polaridade: passa-se da possibilidade para a recusa, a proibição. Essa ocorrência menor do verbo *poder* e sua inversão de sentido está ligada à modalidade epistêmica da ordem do saber (mais incompatível com o *possível*) e à característica mais autoritária que esse tipo de modalidade pode imprimir ao discurso, levando à recusa do outro e à proibição;

G2 – O modus pertencente ao registro do *dever* é expresso pelos verbos “dever”, “precisar”, pelas expressões “haver de”, “ter que”. Quantitativamente, o discurso de Lula é muito mais modalizado que o de Collor (quase que o dobro de ocorrências). A diferença, entretanto, é qualitativa. Enquanto que Lula usa 21 vezes “é preciso” e 3 vezes “é necessário”, uma forma impessoal, Collor usa mais operadores modais na 1ª pessoa do plural. Cria, com isso, uma linguagem mais dinâmica, mais incitativa – qualidade própria do discurso político – ao integrar na mesma ação locutor e alocutários.

Analisando o percurso discursivo dos dois candidatos sob o aspecto dos auxiliares de modo, chegamos a um segundo resultado que pode ser esquematizado do seguinte modo:

Percurso discursivo	Lula	→	crer	→	dever	→	tentar
			(domínio do possível)				
	Collor	→	saber	→	dever	→	prometer
			(domínio da verdade)				

O mundo prospectivo construído pelo discurso de Lula é o de luta, de “briga”; a transformação virá com sacrifício, com dificuldades a serem superadas. Daí um 3º paradigma de auxiliar modal presente na sua fala: *tentar* (cf. Quadro IIA), que neutraliza o movimento dinâmico das expressões do Grupo 4 (G4).

O mundo prospectivo construído pelo discurso de Collor é o da varinha de condão: a transformação virá de forma mágica. Daí um 3º paradigma de locuções verbais que têm como auxiliar o verbo “ir”, passíveis de serem precedidas pelo performativo “eu prometo” (cf. Quadro IIB).

Enfim, configura-se para o ouvinte a imagem de que Lula é *ameaça*, é risco de se ficar só na *tentativa*, enquanto que Collor é *promessa* de transformação, é antevisão do paraíso.

Voltando à questão da transparência e opacidade, a análise feita subsidia algumas constatações.

a) O discurso de Lula trabalha com categorias menos globalizantes (por ex., marcando sua enunciação com modalizadores de opinião, a amplitude do sujeito da elocução é mais restrita; remetendo-se à classe trabalhadora, fala ainda do lugar do dirigente sindical). Opera o discurso de modo a fazer o ouvinte perceber o real, quer colocando a complexidade dos problemas – e aí mostra, para vencer a crise nacional, um caminho mais áspero, mais tortuoso, com soluções menos mediatistas que o apresentado pelo opositor – quer conduzindo-o à reflexão, ao procurar mostrar a relação dos fatos: “é possível X... se não Y” ou “é possível X... se Z”, estruturas lingüísticas que, aliadas aos elementos citados anteriormente, conferem maior opacidade ao seu discurso. Opacidade que pode ter influenciado na decisão do ouvinte, pois um “descamisado” quer soluções rápidas para o seu cotidiano de fome e miséria. Refletir? Impossível¹¹.

11. Confrontem-se as duas falas: –“Mas, Sr. Pedro, pode estar certo como todos vocês podem estar certos de que eleito presidente da República esse país vai mudar sim; ele vai mudar para melhor, vai mudar porque nós vamos enfrentar os problemas e vamos resolvê-los na medida em que a nossa consciência determinar que são justas e que são corretas essas reivindicações. Vamos, sim, aumentar o salário mínimo, vamos levar a comida para a mesa do pobre, vamos dar transporte barato, vamos dar saúde e educação” (Collor).

b) O discurso de Collor trabalha com categorias mais globalizantes (o seu "minha gente" abrange um espectro maior de público e a referência constante ao "entendimento nacional" reforça a idéia da união em busca de superação da crise. Fala de um lugar mais neutro, não marcando explicitamente sua enunciação com modalizadores proposicionais). Utiliza determinados apelos como Deus, o sentimento cristão, a família, o sentimento de pátria, símbolos como a bandeira nacional (vs. bandeira vermelha, a foice e o martelo), o hino nacional (vs. internacional marxista), revelando gosto pelas construções com oposições binárias, centralizadas semanticamente no jogo Bem vs. Mal, recursos que veiculam valores, sentidos cristalizados de fácil comunicação, contribuindo para a transparência da mensagem. Enfim, o que é mais importante, ele consegue criar, através do discurso, a ficção mediatista de um mundo melhor.

A essas diferenças de estratégias discursivas, acrescenta-se ainda que Lula teve também de enfrentar as contradições internas de um discurso de oposição que precisou fazer coligações com partidos que eram adversários na fase anterior, quando divergências e injúrias mútuas afloraram. Além disso, sendo um homem de partido, e de um partido que já se estabelecera no cenário político nacional, a sua fala era mais vulnerável porque devia enquadrar-se na formação discursiva do partido, submetendo-se a coerções, a restrições político-partidárias. Inversamente, sem um partido forte a que se atrelar, o discurso de Collor cultuou o personalismo e, nesse sentido, pode-se dizer que, falando em nome próprio e não como "o que come pela mão dos outros", foi-lhe possível forjar um discurso aparentemente mais homogêneo, sem as fissuras da heterogeneidade. E num espetáculo, o que vale é o *parecer* e não o *ser*; é a habilidade em criar um simulacro do real.

Quadro I - A: Lula
Modalizadores Proposicionais

G1		G2	
Tipo	Ocorrência	Tipo	Ocorrência
eu acho	27	tenho consciência	1
acredito	6	tenho clareza	1
penso	2	eu sei	2
pensei	1	sabíamos	1
espero	3	estou convencido	1
entendo	1		

- "Eu só espero, seu Pedro, que o sr. e outras pessoas antes de acreditar em promessas faça uma avaliação profunda e medite no que você quer do Brasil. A partir do momento que você definir o que você quer do Brasil é que você deve escolher você próprio, com serenidade, porque de promessa o inferno está cheio" (Lula).

entendia	2		
entendíamos	3		
entendemos	3		
compreendemos	1		
sabíamos	1		
parece	2	é sabido e notório	1
		é lógico	5
é difícil	3	é preciso	21
seria importante	1	é necessário	3

Quadro I – B: Collor

G1		G2	
eu acredito	1	todos nós sabemos	1
eu acredito(piamente)	1		
eu acho e tenho certeza			
e mesmo convicção plena	1		
eu sinto, todos nós			
pressentimos	1		
eu julgo	1		
parece	1		

Quadro IIA: Lula
Auxiliares de Modo

G1	G2
o máximo q. <i>pode acontecer</i>	<i> você deve escolher</i>
a imprensa <i>pode fiscalizar</i>	a Folha <i>deve ser julgada</i>
a imprensa <i>pode evitar</i>	a classe trab. <i>deve ter</i> o trat.
você <i>pode estar certo</i>	a saúde... <i>devem ser</i> direito
<i>possa adquirir</i>	a campanha polít. <i>deve servir</i>
<i>possamos recuperar</i> o poder	(você) <i>deve ter acompanhado</i>
esse pedreiro <i>pudesse visitar</i>	o candid. <i>tem q. ter</i> equil. psic.
o trabalhador <i>possa ganhar</i>	temos que alfabetizar
<i>possa comprar</i>	temos que consertar
o q. <i>poderia ser</i> feito p/ Brasil	o Estado <i>tem que assumir</i>
(o rico e o pobre) <i>possam ter</i>	o Estado <i>precisa ter</i> urgência
você <i>pode montar</i>	o Estado <i>precisa permitir</i>
você <i>pode trabalhar</i>	a pessoa <i>precisa ganhar</i>
o governo <i>possa dar</i>	o candid. <i>precisa ter</i> equil.
<i>possamos politizar</i>	<i>precisamos melhorar</i>

que os partidos *pudessem dar poder fazer disc. de vítima*
o Estado não *pode estar tendo*
o candidato não *pode agir*
a classe... *vai poder perceber*

G3

é difícil *tentar comparar*
tentar ver
tentar garantir
tentar fazer
vamos tentar criar instr.
pretendemos fazer
o advers. *tentou utilizar*
o advers. *tentou contar inverd.*

precisamos recuperar o poder

é preciso (21 ocorr.)
é necessário (2 ocorr.)

G4

vamos eleger no dia 17...
vamos derrubar o muro
vamos brigar p/cumpr.a Const.
vamos construir um sistema
vamos alfabetizar
vamos garantir ensino público

Quadro IIB: Collor Auxiliares de Modo

G1

pode estar certo, sr. Pedro
os probl... *podem ser resolvidos*
possamos resolver questões
possamos trabalhar
o trabalhador *possa optar*
possa escolher
poder trafegar na área
o cand. *não pode se explicar*
não posso aceitar a política
não posso aceitar que o Estado
não posso aceitar a bagunça
não podemos deixar
não podemos aceitar a violência
não podem fazer greve
não podemos impedir a livre

G3

esse país *vai mudar sim*
esse país *vai mudar p/melhor*
" " *vai mudar porque*
vamos enfrentar os problemas
vamos resolver
vamos aumentar o salário
vamos levar a comida

G2

princ... *devem ser preservados*
princ... *devem ser perseguidos*
princ... *deverão prevalecer*
devemos renegar
é dever do Estado prestar
Deus haverá de nos ajudar
não há como discutir

o que temos que fazer
temos q. renegociar a dívida
temos q. respeitar o Congresso
temos que fazer uma análise
temos q. melhorar os serviços
temos que arrecadar mais
temos que cobrar mais
temos que dar esta opção
temos que respeitar a opinião
temos q. levantar a bandeira
temos que colocar ordem
temos que nos defender
"tive que voltar para casa"
"tive que ficar em casa"

vamos dar casa
vamos dar transporte
vamos dar saúde
vamos construir uma democracia
o sr. não vai se decepcionar
iremos ganhar
o diálogo vai nos levar ao sucesso
pretendo e implementarei reformas

precisamos derrubar o muro
construir uma sociedad.
conseguir os dólares
ter ordem

DISCOURSE AND POLEMIC IN A POLITICAL DEBATE

ABSTRACT: This article reveals aspects of the operation of two forms of discourse in a polemical relationship: the spoken discourses of the two candidates in the last Brazilian Presidential election campaign (december/1989). The way that each discourse searches for its identity and delineates its boundaries in an incessant effort of reciprocal delimitation is analyzed. In this article, the following items are verified: a) the strategies of discourse that each speaker mobilizes to represent himself and his adversary; and b) the strategies of enunciative modalization which characterize the "actancial" behaviour of each polemist.

KEYWORDS: Analysis of discourse; discourse formation; polemic; enunciative modalization.